

Renata Sayuri Sato Nakamine

Bacharel em Design pela
Universidade Estadual de Maringá
(UEM). Atualmente graduanda em
História pela mesma instituição.

E-mail: renata@nakamine.com.br

SABUKARU E IDENTIDADE JAPONESA: Relação histórico-social entre individualismo nipônico, subculturas e moda de rua

Resumo: A moda e as subculturas japonesas têm despertado curiosidade, fascínio e espanto tanto entre sociedade nipônica quanto em civilizações estrangeiras. O surgimento das tribos urbanas e da moda tornaram-se veículos para o enquadramento social e a afirmação pessoal diante de uma cultura formada a partir de rígidos preceitos coletivistas. Para isso, este presente trabalho busca compreender os valores da homogeneidade social, propondo uma análise sobre o sujeito japonês diante da desvalorização individual, preconizando uma investigação sobre o papel do streetwear e dos subestilos, a formação destas identidades emergentes entre os grupos mais jovens nipônicos e a influência que as mesmas causaram no segmento de moda.

Palavras-chaves: Subculturas japonesas; moda; identidade.

SABUKARU AND JAPANESE IDENTITY: Historical- social relationship between niponic individualism, subcultures and street fashion

ABSTRACT: Japanese fashion and subcultures have aroused curiosity, fascination and astonishment both among Japanese society and in foreign civilizations. The emergence of urban and fashion tribes became vehicles for the social framework and personal affirmation before a culture formed from rigid collectivist precepts. To this end, this present paper seeks to understand the values of social homogeneity, proposing an analysis of the Japanese subject in the face of individual devaluation, advocating an investigation of the role of streetwear and substyles, the formation of these emerging identities among the younger Japanese groups and the influence they caused in the fashion segment.

Keywords: Japanese subcultures; fashion; identity.



1. INTRODUÇÃO

Por muitos anos, a ideia de moda japonesa, sempre esteve aliada ao exotismo e o tradicionalismo dos *kimonos*, todavia, esta realidade tem mudado desde os anos 90. A circulação de imagens de jovens nipônicos de cabelos coloridos, com vestimentas excêntricas e maquiagens carregadas causou espanto ao redor do globo. Onde muitas regiões ainda se mantinham cristalizada no imaginário social, o Japão como uma sociedade discreta e homogênea. Nestas condições, reverberava-se pelo mundo o retrato das subculturas japonesas.

Com características próprias e muitas vezes escandalosas, estes grupos minoritários passaram a ganhar espaço e adesão entre a juventude urbana japonesa. Atuando como um ambiente propício para o enquadramento social e identitário, partilhando de ideias, valores, estilos de vida e linguagem de um grupo com características distintas do restante da sociedade. Assim, sendo considerados como indivíduos de comportamentos não convencionais à cultura dominante.

Dentro das subculturas, os jovens japoneses encontraram na moda, uma maneira eficaz de expressão, pois através desta puderam utilizar a aparência e o elemento visual como item comunicador não-verbal e de inserção social. Conforme Barnard (2003, p.64) a moda apresenta valência de linguagem, no entendimento de sistema comunicativo, através de signos que identificam a posição de um indivíduo no mundo e a relação do mesmo com ele. Além disso, realça as singularidades como a busca pela individualidade e a necessidade de integração social (CALANCA, 2008 apud SILVA; VALÊNCIA, 2012, p.103).

Estas novas forças sociais, passam a alterar a dinâmica das tendências, pois é nas ruas que a moda subcultural acontece. Assim, a passarela deixa ser a única referência preponderante de tendências, abrindo espaço ao fenômeno *streetfashion*, tornando-se um ecossistema de relevância e de influência até mesmo os principais *bureaux fashion*.

No Japão, o *streetstyle* tornou-se o espaço para o jovem explorar e expor sua indumentária

particular com as respectivas características a cada estilo ou tribo, espalhando e modificando as tendências do vestuário entre os grupos alternativos. Esta ascensão das subculturas japonesas desperta curiosidade, pois a essência do movimento, motivada pela diferenciação, mesmo que por meio de grupos, contraria os valores de nivelamento social e do espírito coletivista tão preservados e reverenciados pela cultura japonesa. Desta forma, nota-se a necessidade de investigar as relações estabelecidas no processo histórico para a eclosão destas subtribos, levando em consideração a forte política repressiva contra as individualidades vigente dentro da população nipônica, tornando-se um fator limitador para a propagação das mesmas.

Paralelo a isto, com o processo da globalização, aproximação internacional projetada através das trocas de informações ou e comunicação resultou em profundo impacto nas identidades culturais. Repercutindo na hibridização identitária, no surgimento de novas culturas e acentuando o processo de fragmentação de identidades (Hall, 2006, p.91). Este evento tem alterado as atividades sociais e atenuado a multiplicidade de estilos, enfatizado efemeridades e estimulado a pluralidade cultural, reverberando também, no comportamento social, no modo de vestir e de compartilhar valores e tendências, tanto no Japão como fora dele.

A fim de compreender este cenário, o presente trabalho propõe uma análise acerca da identidade do sujeito japonês em função da desvalorização individual, o conflito identitário e a procura pela consolidação da subjetividade, visa também estabelecer estudos a respeito da ascensão das subculturas e identificar a relação e a relevância da moda diante do desenvolvimento de subestilos japoneses.

2. COLETIVISMO JAPONÊS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Marx (2010, p.108), a essência do ser humano é de natureza social, sua existência se efetiva dentro da sociedade através de relações intersubjetivas, estabelecendo interações e vínculos com outros indivíduos de seu meio. Esta



convivência com seus pares exerce uma influência preponderante no desenvolvimento de seus integrantes, na configuração de sua personalidade, de sua identidade e de seus comportamentos (KLEIN, 1969, p.7-12). Assim, o desenvolvimento humano vai se constituindo e se povoando a partir de outros seres humanos, caracterizando o grupo, como uma célula base responsável por transmitir elementos culturais como: valores, normas, condutas, necessidades, bem como um atuante na conformação da identidade de seus membros (CAPITÃO; HELOANI, 2007, p.51-52).

Estas relações sociais se fazem fundamentais não somente para manter a subsistência humana, por meio de arrecadação de recursos necessários para garantir a sua sobrevivência, mas também importante para assegurar o seu espaço dentro de uma comunidade. Promovendo o sentimento de pertencimento, estabelecendo laços afetivos e de confiabilidade entre os integrantes do núcleo e permitindo a apropriação e a manutenção das práticas sociais. Os agrupamentos tornam-se locais da qual os sujeitos adquirem visibilidade, conquistando sua existência para os outros e para si mesmo, gerando também uma relação ambivalente: tornando-se um ambiente de semelhança, propício para a identificação com os demais participantes, criando sentido de familiaridade, e configurando um local para a diferenciação entre seus integrantes, a partir da qual o sujeito por adquirir perceptibilidade como individualidade recebe um espaço de fala e de comunicabilidade com os demais (KOURY, 2010, p.33-54).

Ainda que, o grupo seja um ambiente oportuno para a sensação de pertença e participação social, segundo Mezan (1982 apud Capitão e Heloani 2007, p.51) este também promove uma intensa interferência na construção da personalidade do indivíduo integrante, tornando muitas vezes difícil de identificar quais construções identitárias individuais são de caráter coletivo ou produzidas pelo próprio sujeito.

Este vínculo do indivíduo com grupo, assim como a dificuldade de distinção identitária também é muito perceptível entre os japoneses na atualidade.

Esta consciência coletiva é bem demarcada entre os nipônicos desde o período feudal. Onde esta se apresentava arraigada à educação japonesa através de regras e normas, segundo as quais cada integrante das famílias e das comunidades recebia um papel pré-determinado atado a cumpri-lo. Este sistema abafava qualquer manifestação de natureza individual ou livre arbítrio, fadando seus participantes a seguir uma casta praticamente imutável.

Sakurai (2011, p.22-151) atribui diversos fatores para justificar a valorização do grupo entre os japoneses, dentre eles, a geografia. Em um país onde a maior parte da extensão territorial é composta por montanhas e ilhotas, as poucas terras propícias para a agricultura deveriam ser partilhadas de maneira cooperativa, prezando sempre pelo melhor aproveitamento de recursos. Desta maneira, era imprescindível para o equilíbrio da comunidade, que cada integrante mantivesse obediência às normas em prol do desenvolvimento e da paz na aldeia.

O sistema político também reforçava o culto ao coletivismo, fato que apresentava até mesmo conotação moral e religiosa, pois o monarca, o imperador japonês, era considerado como o descendente dos deuses. Este mito colocava toda a estrutura social em círculos que gravitavam ao seu redor, gerando assim uma organização viciosa na qual a civilização japonesa era encarregada a cumprir suas funções de maneira letárgica, impossibilitando qualquer alteração hierárquica ou mudança de castas. Durante a Era Edo (1603-1868), foram incorporados os princípios confucionistas, que corroboraram para o fortalecimento do sistema jerárquico através da autoconsciência da vontade divina, sabedoria e a sinceridade desinteressada, bem como o cumprimento das regras adequadas de conduta, a fim de consolidar a estabilidade social e o poder político por meio de um regime rígido (ISOTANI, 2011, p.2).

Diante desta organização estática e de padrões de obediência rigorosos, era recorrente a repreensão aos ideais individuais e manifestações de buscas subjetivas. Portanto, aqueles que se desviavam destas obrigações eram interpretados



como traidores e negligentes, sendo os transgressores expostos a ostracismo e até punições mais graves.

Somente com a Revolução da Era Meiji e a inserção dos costumes ocidentais houve um primeiro contato social com os valores individuais. Estes princípios apresentaram uma difícil assimilação e incorporação na sociedade japonesa, pois contrariavam o nivelamento social severamente pregado dentro civilização local.

Contudo, a desagregação da estrutura social só ocorreu drasticamente após a Segunda Guerra Mundial, com a rendição japonesa, com o fim da figura monarca como representante dos Céus e diante da ocupação do exército norte-americano no país, desestabilizando a organização coletiva até então mantinha-se inabalada, ocasionando acentuadas mudanças nos costumes locais (ISOTANI, 2011, p.2). Ao mesmo tempo, o governo japonês, em uma tentativa de reconstruir o país no pós-guerra, adotou um sistema social rígido que consistia no detrimento individual pelo bem do progresso da Nação. Esta nova onda coletivista, impôs a renúncia da satisfação individual e igualdade social em benefício do desenvolvimento econômico e tecnológico no Japão, fato que freou o enriquecimento cultural da época (FREIRE; CORTEZ, 2010, p.2-3).

A presença norte-americana foi fundamental para a recuperação econômica e o desenvolvimento tecnológico do país, adotando junto às autoridades nipônicas medidas que auxiliassem na aceleração de sua reconstrução e em contraponto, afastando a possibilidade que o mesmo rumasse ao comunismo da União Soviética, adquirindo assim, um aliado para o sistema capitalista na região da extrema Ásia (SAKURAI, 2011, p.204-205). Esta permanência estadunidense promoveu não só uma mudança econômica, mas também cultural no país. (SATO, 2007, p.14-15), o compartilhamento de novas formas de pensamento ocidentais, estimulou os japoneses a perseguir os ideais progressistas e individualistas, enfatizando os sentimentos da estética e da beleza (ISOTANI, 2011, p.2).

3. FLORESCIMENTO DA LIBERDADE INDIVIDUAL NIPÔNICA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a derrota e rendição japonesa, o país se viu obrigado a assumir as consequências do confronto e desenvolver muitas mudanças que exigiam uma reinterpretação de sua identidade e de sua cultura. As cobranças desta revisão se deviam as novas condições espaciais do arquipélago e da nova composição de residentes, além disso, as ideologias dominantes de louvor à tradição japonesa do período anterior já não comportavam as demandas da nova realidade (ODA, 2011, p.106).

O impacto alóctone da ocupação dos EUA ao Japão e o projeto de construção de um “novo país” pelos norte-americanos provocou um grande impacto no arquipélago. Este choque não veio somente através de propostas políticas e econômicas, mas também por meio das mudanças culturais e sociais, seja com a determinação estatal, ou através da influência dos estadunidenses no local, modificando as tradições, a educação, a língua, a forma de consumo, os comportamentos e entre outros fatores da região.

Desta forma, valores e costumes norte-americanos foram paulatinamente introjetados dentro da cultura local na tentativa de mudar as mentalidades e os muitos hábitos nativos. Portanto, os preceitos comunitários passaram a ser substituídos gradualmente por princípios mais individualistas, houveram reformas na Educação, e uma maior distribuição de produtos culturais ocidentais como filmes e obras literárias, com o intuito de expôr o sucesso dos empreendimentos individuais - o amor romântico, o direito e a justiça de tipo ocidental - como valores universais, desenvolvendo um discurso atrativo, (SAKURAI, 2011, p.202) a fim de transmitir uma ideia de brilhantura estrangeira, conquistar e familiarizar os japoneses aos costumes importados.

Segundo Sato (2007, p.14-215), os eventos do pós-guerra, provocaram um sentimento de inferioridade e de baixa autoestima nacional, sobretudo, entre os jovens dos anos 50 e 60, gerando



uma espécie de crise de identidade. Os adolescentes passaram a refletir sobre seu comportamento e assim, buscar o modelo que para a juventude era considerado como moderno e superior, o dos Estados Unidos. Assim, estes passaram a adotar conceitos e estilo de vida ocidentalizado, adaptando o modo de vestir e mimetizando tudo o que representava a cultura *American Way of life*. Em meio a este cenário, os nipônicos passam a adaptar as influências estrangeiras, com os costumes e hábitos nativos, formando uma nova identidade na sociedade japonesa e propiciando o surgimento da cultura pop japonesa, ou *jpop* para a nova geração.

Nos anos 70, diante dos esforços para a reconstrução do país, o Japão tornou-se um dos maiores exportadores de bens de consumo, concorrendo com os Estados Unidos e alguns países europeus, alcançando o posto de potência mundial, em período denominado como “milagre japonês” (SAKURAI, 2011, p.204-205). Acontecimento que influenciou diretamente no crescimento e prosperidade econômica japonesa, resultando em meados da década de 80, no fenômeno também conhecido como “economia da bolha”. Este episódio foi marcado por um cenário financeiro favorável, que permitiu uma efetiva distribuição de renda entre a população, excessivas ofertas de emprego e elevado poder de compra, consequência de três décadas de trabalho e dedicação para a reconstrução da economia após o fim da Segunda Guerra Mundial (SATO, 2007, p.20-21).

Esta realidade permitiu às famílias a oferecer uma melhor qualidade de vida aos seus filhos, assim como, conforto, liberdade e condições para atender às suas aspirações e desejos. Esta nova geração de jovens japoneses, usufruiu da independência individual que, por décadas, foi reprimida e privada aos seus pais pelos longos anos de conflito. Contrariamente a seus antecessores, a geração “bolha econômica” primava-se no consumo fugaz, modismos, lazer e entretenimento desmedido, além da participação em diversas *zokus* (tribos urbanas), através das quais, puderam desfrutar da liberdade utilizando o visual como canalizador de expressão subjetiva, tomando até mesmo uma estética radical e muitas vezes

excêntrica prezando pela busca da identidade pessoal (SATO, 2007, p.20-21).

Aliado a isto, ainda nos anos 80, por meio do processo de globalização houve uma aceleração exponencial deste processo de integração seja econômica, cultural, governamental e política dos povos em todo o mundo. A internacionalização também proporcionou o rápido acesso à informações e abertura de fronteiras, gerando assim um cenário facilitador para o desenvolvimento econômico, exportação e importação de produtos e serviços entre países (MENEGHELLI, 2008, p.2-6). À medida que as distintas áreas do globo estabelecem interconexões mútuas e plurais, ocorrem reverberações de transformações sociais que alcançam todo o campo terrestre, refletindo na natureza das instituições modernas (GIDDENS, 1991, p.12) e também exercendo uma grande influência e transformação nas construções identitárias e na interação e na estruturação dos agrupamentos sociais.

Como resultado, o fenômeno também promove o colapso das identidades e a fragmentação das paisagens culturais e a formação de outras novas. Hall (2006, p.69) aponta três principais consequências para este processo em sociedades pós-modernas: a desintegração das identidades nacionais diante da homogeneização cultural, o reforço das mesmas por meio a resistência à globalização e a formação de novas identidades geradas a partir do hibridismo com outras.

Neste processo de descentralização identitária, o sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos, impulsionado pela multiplicação de sistemas de significação e de representação cultural e portanto, o deslocamento de uma nova identidade. O autor ainda responsabiliza a intensificação da interdependência global às crises de identidade culturais fortes. Acarretando a desagregação de códigos culturais, a multiplicidade de estilos, uma maior ênfase no efêmero, no impermanente, na diferença e no pluralismo cultural (HALL, 2006. p. 7-91).

Nestas condições, nos anos 80, o apego às tradições e a afirmação de uma identidade japonesa



passou a dar lugar as ideias cosmopolitas, tornando a noção de cultura nipônica cada vez mais difusa (ODA, 2011, p. 110). Diante deste cenário, da busca por novas construções de identidades e com o fortalecimento da Globalização, que evidencia-se um crescimento de microidentidades que passam a transitar dentro do contexto local, reagindo as movimentações históricas, seja no período do crescimento vertiginoso da economia ou a conjuntura de rarefação financeira do país. Estes indivíduos passam a se deslocar da identidade nacional unificada criando ou aderindo a novos grupos identitários, como subculturas e fazendo parte de tribos urbanas.

4. TRIBOS URBANAS E SUBCULTURAS JAPONESAS

Observa-se um grande esforço da comunidade acadêmica em desenvolver definições sobre os movimentos de agrupamentos sociais urbanos. Maffesoli, foi um o primeiro teórico a utilizar o termo “tribo urbana”, definindo-a como “[...] agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo” (OLIVEIRA *et al.*, 2003, p.63).

Para Souza *et al.* (2014, p.166-167) as tribos urbanas evocam do contexto moderno habitando diferentes lugares das cidades, estas atuam ativamente no processo de estruturação de identidade dos jovens em que nela se inserem. Ao se incluir em grupos, estabelecem novos vínculos sociais, além dos familiares, estabelecendo uma conjuntura marcada pela procura de referências externas e parâmetros que possam apoiar e afirmar a sua presença no mundo.

No caso da subcultura, Gelder e Thornton (1998, p.1) afirmam que o termo tem sido cunhado desde a década de 1940, e apesar da farta discussão a respeito do assunto, ainda não há consenso sobre o mesmo. Todavia, os estudiosos de certa maneira concordam que as subculturas são grupos de pessoas organizadas que compartilham interesses e práticas

semelhantes, que se distinguem em oposição aos outros. Moreira e Alves (2012, p.1), complementam que além do caráter díspar da cultura mãe em que se inserem, esta se foca em certos, atributos, valores e artefatos materiais.

É importante destacar que o seu sentido variou conforme seu contexto histórico, cultural e geográfico. Ou mesmo o prefixo “sub” da expressão, muitas vezes foi e ainda é associado a aspectos inferiores, à rebeldia ou à marginalidade, levando muitas vezes à concepções e julgamentos equivocados sobre o vocábulo.

No Japão, o termo subcultura é mais recorrente, recebendo uma adaptação linguística para *sabukaru*. Apesar de derivar da língua inglesa *subculture*, diverge do entendimento americano. A *sabukaru* tende a incluir aspectos de cultura popular geral, mas também é uma categoria de marketing para mídias mais especializadas, sobrepondo-se ou até mesmo sendo utilizada como sinônimo para o campo da cultura *otaku* (fãs de animês e mangás). A categoria de subcultura, assim como nos países ocidentais, passou a ser incorporada para especificar grupos alternativos e *underground*, que não se encaixam nos estilos *mainstream*, criando também um próprio estilo de vida e tendências, constituindo um ecossistema de consumo particular (RITT, 2017, p. 255).

Apesar de o termo ser frequentemente associado à rebeldia e subversão pelos norte-americanos, no Japão, a *sabukaru* é definida como uma comunidade formada em torno das convenções de representações em um meio de cultura de informação (MCKIGHNT, 2010 apud RITT, 2017, p.255).

Segundo Ritt (2017, p.256-257), a terminologia surgiu inicialmente no final da década de 1960, onde foi empregada para descrever a arte contemporânea e japonesa pelos meios de comunicação. Já nos anos 70, o termo “subcultura” passou a ser utilizado cada vez mais em revistas e publicações para denotar conteúdos de caráter alternativo. Nos anos 90, a *sabukaru* foi utilizada como temática de estudo dentro da academia, o que ampliou a sua visibilidade não só dentro do núcleo



científico, mas também dentro da comunidade nipônica em geral.

Os primeiros grandes núcleos de moda alternativa se estabeleceram no Japão através do fenômeno do *streetfashion* (moda de rua) durante a década de 70, como a *Takenoko-zoku* (tribo do broto de bambu) e *Karasu-zoku* (tribo dos corvos) em Harajuku. Apesar de serem compostos por numerosos integrantes e terem recebido grande visibilidade da mídia, a vida destas subculturas foi curta, onde gradualmente desapareceram ou se anexaram a outros grupos (KAWAMURA, 2012, p.27).

Durante a primeira década do século XXI, o Japão passou por uma desaceleração econômica que acabou projetando, assim, seus reflexos na moda de rua e o fortalecimento das subculturas, resultado dos sentimentos de alienação, desilusão, incertezas e raiva, que se propagou pela sociedade japonesa, contrariando as perspectivas dos jovens que acreditavam que uma situação favorável se manteria inalterável. Este evento despertou a repressão aos valores japoneses que sempre guiaram a civilização, como perseverança, disciplina e crença na educação, que encontraram na aparência uma forma de quebrar estas normas e uma maneira de serem vistos e ouvidos. Contudo, a expressão de rebeldia e revolta se limitava somente à estética, não refletindo muitas vezes no comportamento dos integrantes dos grupos alternativos.

Para Kawamura (2012, p.8-112) as subculturas projetam certa imagem, composta por indumentária, acessórios, penteados, joias, artefatos e um vocabulário distinto, que consistem em um

sistema de valores, atitudes, modos de comportamento e estilo de vida de um grupo diferente do dominante, mas que se relaciona com a cultura hegemônica de uma sociedade. Por meio das subculturas, estabelecem o gosto cultural como um dos fatores determinantes, com funções relacionadas ao entretenimento, informação e atuam com o intuito embelezar a vida, além disso, expressam valores e padrões de preferência e de estética. A moda e as maneiras individuais de se vestir são áreas onde o gosto pode ser contestado (GANS, 1974 apud KAWAMURA, 2012, p.12), dependendo de como os itens da indumentária são combinados, certos estilos podem ser interpretados como uma forma de rebeldia e diante de situações específicas, alguns comportamentos podem ser definidos como aceitáveis ou inaceitáveis, podendo ser utilizados como uma maneira de desafiar a ideologia dominante e questionar a distribuição de poder de uma ordem social.

Diferentes ideias e crenças sobre estética são expressas pelo significado de moda e vestuário (BARNARD, 2003, p.75). Desta maneira, o estilo e a moda são utilizadas como um recurso visual e comunicativo para o enquadramento social e exerce um papel conveniente para os grupos subculturais.

Observa-se uma relação intrínseca entre a moda de rua e o desenvolvimento subcultural. Durante a segunda metade do século XX, os subgrupos encontraram na moda um instrumento de contestação política e social, encontrando nos espaços citadinos, um ambiente propício para a expressão. Sousa (2010, p.37-38) afirma que o perímetro urbano era o local onde os grupos se reuniam e discutiam os temas de interesse



Figura 1: Subculturas japonesas em Harajuku (MOURA, 2019).



do grupo, fortaleciam a coesão interna e avaliavam outros grupos que frequentavam o mesmo espaço. Todavia, este cenário apresentava frequente processo de a miscigenação e transformação entre os grupos alternativos, tornando até mesmo uma inspiração para grandes criadores de moda. Contudo, durante este processo, ocorria a perda da autenticidade dos valores preconizados, onde estes padrões e princípios passaram a se tornar secundários, estabelecendo a perda de sua essência conceitual preambular e das referências estéticas antes formalizada.

No caso do nipônico, a propagação da moda de rua passou a se espalhar amplamente pelo país, tendo a forte aderência dos jovens, o que levou ao surgimento de múltiplas e variadas identidades de moda nos principais distritos comerciais de Tóquio. Este estilos de rua emergentes passaram a ser categorizados conforme a localização dos distritos da capital, como em Harajuku, Shibuya, Ginza, Omotesando, Daikanyama, onde cada área abrigava tipos diferentes identidades *fashion* conforme estilos de vida e o padrão de consumidor presente nos respectivos bairros (GODOY & VARIANIAN, 2007; STYLE ARENA, 2002 apud JIRATANATITEENUN *et al.*, 2012, p.292).

Neste sentido, *streetstyle* japonês tornou-se um fenômeno para o jovem explorar e expor sua indumentária particular transmitindo as características a cada estilo ou tribo, espalhando e



modificando as tendências do vestuário entre os grupos alternativos, aspecto que passou a repercutir não somente dentro do país, mas fora dele também.

5. A INFLUÊNCIA DAS SUBCULTURAS E DA *STREETFASHION* NA MODA *MAINSTREAM* JAPONESA

O Japão sempre foi concebido pelo seu exotismo entre os países ocidentais, recebendo reconhecimento como um país produtor de moda somente entre a década de 70 e 80, através dos designers Kenzo Takada, Issey Miyake, Yohji Yamamoto, Rei Kawakubo e Hanae Mori, que levaram para Paris a moda *yôfuku* (vestuário ao estilo ocidental) com características nipônicas. Estes criadores de moda através de suas coleções evidenciaram ainda mais o hibridismo cultural presente no país, romperam com a idealização tradicionalista da indumentária japonesa, muito difundida pelo imaginário ocidental, o que acabou tornando Tóquio uma das mais influentes capitais da moda asiática.

Um dos fatores que propiciou a entrada do Japão no cenário mundial da moda, foi a conjuntura criativa, matizada e espontânea presente nos principais bairros das subculturas nipônicas. Onde os diferentes grupos interagem, compartilhavam e exibiam, o seu estilo de vida, seu comportamento e principalmente, seu modo de vestir. Neste cenário, a moda de rua passa a ganhar relevância e a influenciar os mais diversos setores de tendência do vestuário.

Ainda que, o Japão apresentasse uma tímida participação no setor *fashion*, a presença das subculturas permitiu um maior destaque do país no segmento, onde as microculturas alternativas passaram a exercer uma influência internacional, principalmente como inspiração no desenvolvimento de tendências para os designs de passarela. Neste cenário da moda, o Japão encontrou na moda de rua um diferencial que o colocou no mapa *fashion*, contudo, este se expressou de maneira distinta. O

Figura 2: Moda de rua em Tóquio (VOGUE, 2019).



streetfashion modificou o sistema de propagação de tendências. Nesta nova configuração o consumidor passou a atuar como inventor de tendências, que as propagava através de seus núcleos sociais, conquistando seguidores, e assim formando as subculturas. Os criadores destas tendências incorporavam características únicas e originais atraindo a atenção de diversos profissionais da moda não somente japoneses, mas também ocidentais.

Este fenômeno presente no espaço urbano foi denominado como *Bubble-Up* ou “Borbulha” e “[...] descreve como as atividades, interesses especiais e grupos subculturais influenciam a cultura *mainstream*, - através da música, exposição online, na televisão – e são vistos como uma nova direção para a moda e a mídia”. No setor *fashion*, é partir das subculturas, que os estilistas se inspiram e elaboram tendências para o desenvolvimento de suas coleções (SEIVEWRIGHT; SORGER, 2009, p.18-54), e embora se baseassem no visual dos subestilos, estas muitas vezes se destinam ao público *mainstream*.

O efeito *Bubble-Up*, gerou não somente transformações na forma de criar as peças de vestuário, mas também provocou o contramovimento dos setores tradicionais de produção de moda. Esta conjuntura acarretou na inversão da cadeia produtiva, antes criada a partir das tendências dos grandes estilistas, agora passa a agregar integrantes de diversas subculturas e consumidores como também os desenvolvedores das tendências e disseminadores de suas próprias criações. Neste novo panorama, as ruas não eram somente um espaço que refletia as tendências de moda, mas também era um ambiente fértil para a inspiração e assimilação de ideias, onde passou a atrair os olhares de designers de todo o mundo.

O movimento *streetfashion* trouxe também grandes transformações no modo de produzir,

vender e distribuir a moda. No Japão sua origem remonta o final da década de 70, mas atingiu seu ápice no meio da década de 90, tornando-se o setor importante e responsável pela propagação da moda japonesa, transmitindo tendências independentes das importadas do Ocidente e autônomas do circuito *fashion* convencional japonês, guiadas e determinadas pelos próprios criadores e usuários. As instituições de moda japonesas passaram a valorizá-las e tomá-las como vantagem potencial de marketing entre os consumidores jovens, gerando uma correlação entre a indústria e os indivíduos envolvidos (KAWAMURA, 2012, p.27).

Apesar de seu reconhecimento como uma das maiores capitais de moda no espectro asiático, o país ainda necessitava desenvolver muitas melhorias para alcançar as principais potências da moda. Há diversas críticas quanto a falta de incentivos para o desenvolvimento do setor. Menciona-se a ausência de uma estrutura que institucionalize o segmento e que a centralize no país promovendo a solidificação de um sistema *fashion*. Fator que acaba desestimulando a permanência de muitos designers japoneses no país, muitas vezes recorrendo a outras capitais, como Paris em busca de melhores oportunidades.

Em uma tentativa de promover e colaborar com o fomento da cultura japonesa, o governo nipônico tem buscado despertar interesse dos consumidores ocidentais pela cultura pop japonesa por meio da exportação de animês e mangás, encontros e reuniões de diversos representantes de subculturas. Estes são responsáveis por transmitir as novas tendências, bem como a moda das subculturas japonesas para inúmeros países estrangeiros. Este foi o caso, das embaixadoras *kawaii*, onde foram escolhidas três representantes do subestilo Lolita⁵ pelo governo japonês, devido ao reconhecimento mundial desta, para divulgar a cultura nipônica

⁵ Um dos gêneros mais populares da subcultura japonesa e com uma grande gama de variações estilos. Inspiradas em bonecas vitorianas, as integrantes criam *looks* com vestidos com babados e enfeites de renda, capuzes e algo de peruca,

bolsas e guarda-chuvas fofos e delicados. Criam combinações baseadas no *girlie style* e *princesslike* (KAWAMURA, 2012, p.66).



kawaii (fofa) pelo mundo (KAWAMURA, 2012, p.44-79).

Embora a moda japonesa e as subculturas tenham ganhado atenção doméstica e internacional, alguns estudiosos levantam a possibilidade de um declínio da moda de rua de Tóquio. Diversas revistas do setor interromperam suas publicações, e artigos e sites apontaram uma possível redução do volume de integrantes dos subestilos. Todavia, o que se percebe dentro das próprias dinâmicas das subculturas é a constante transitoriedade que estas apresentam, onde muitas vezes não se trata do fim de um estilo, mas da transformação deste em outro. Aspecto que pode ser percebido com o aumento de livros e almanaques que buscam incansavelmente catalogar os inúmeros subestilos que emergem nas principais capitais do arquipélago (VALDIMARSDÓTTIR, 2015, p.37-38).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das subculturas e do movimento *streetfashion* japonês é derivado de fatores intrínsecos da cultura nativa, este construído por meio de eventos históricos, políticos, econômicos e aspectos sociais. Tanto as subtribos quanto a moda de rua foram potencializadas pelo processo da globalização que permitiu o alcance dos mesmos entre os continentes do mundo inteiro, acarretando o sincretismo, hibridismo e a fragmentação cultural, surgindo subculturas e uma moda com características próprias.

Através de uma análise dos conceitos históricos pôde-se identificar o papel do indivíduo japonês diante de um rígido sistema coletivista em prol do desenvolvimento da nação que motivou o detrimento pessoal e a repressão da unicidade. Condição que só foi alterada com a ocupação dos norte-americanos no país, estabelecendo uma nova cultura popular no país. Além disso, também pode ser apontada a prosperidade econômica japonesa durante a década de 80, como um dos elementos que propiciou uma maior liberdade individual. Estes eventos propiciaram a busca identitária dos jovens, que passaram a se inserir ou criar novas tribos que

desobedeciam ou não acompanhavam os padrões da cultura hegemônica.

O visual das subculturas passou a atrair o segmento da moda, sendo o movimento *streetfashion*, a nova passarela de tendências, tomando as ruas como os grandes laboratórios de inspirações no desenvolvimento de vestuário e acessórios. Este comportamento de mercado modificou a forma de produção, venda e distribuição de moda, tornando o usuário um grande aliado no desenvolvimento de produtos.

Desta forma, o surgimento das subculturas e do *streetfashion* japonês fato que garantiu relevância de Tóquio como a grande capital de moda asiática, mesmo diante do frágil sistema de unificação e solidificação do segmento que o país possui. O iconismo *fashion* presente nas subculturas nipônicas impulsionou sua influência convertendo-a em tendência para os países ocidentais, promovendo assim a difusão e valorização da moda alternativa japonesa, não somente pelas subtribos, mas também utilizando-as como referência e inspiração da moda *mainstream*.

REFERÊNCIAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e comunicação**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CAPITÃO, Claudio Garcia; HELOANI, José Roberto. A identidade como grupo, o grupo como identidade. **Revista Aletheia**. Canoas, n.26, p.50-61, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a05.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

FREIRE, Raphael; CORTEZ, Felipe. Cultura pop japonesa em Belém. **Revista Tucunduba**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/24833955-Cultura-pop-japonesa-em-belem-raphael-freire-e-felipe-cortez-62-tucunduba.html>>. Acesso em: 05 jul. 2020.



GELDER, Ken; THORNTON, Sarah. **The Subcultures Reader**. 1 ed. London/New York: Editora Routledge, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

ISOTANI, Mina. O Japão pós-moderno: decodificação identitária na obra de Haruki Murakami. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. **Anais**. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0989-1.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2020

JIRATANATITEENUN, Aliyaapon; MIZUTANI, Chiyomi; KITAGUCHI, Saori; SATO, Tetsuya; KAJIWARA, Kanji. The Transformation of Japanese Street Fashion between 2006 and 2011. **Revista Advances in Applied Sociology**. v.2, n.4, p.292-302, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275989465_The_Transformation_of_Japanese_Street_Fashion_between_2006_and_2011>. Acesso em: 23 jul. 2020.

KAWAMURA, Yuniya. **Fashioning Japanese Subcultures**. 1 ed.: London: Berg, 2012.

KLEIN, Melanie. Sobre a Identificação. In: KLEIN, Melanie; HEIMANN, Paula; MONEY-KYRLE, R.E. (orgs.). **Temas de psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p.7-50.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. **Revista Etnográfica**. Lisboa, v.14, n.1, p.27-58, 2010. Disponível: <<https://journals.openedition.org/etnografica/148>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010

MENEGHELLI, Leocádio. **O Ambiente das Organizações na Era da Globalização**. Revista Leonardo Pó, Blumenau, v. 1, p. 19-31, 2002. Disponível: <<https://docplayer.com.br/1986524-O-ambiente-das-organizacoes-na-era-da-globalizacao.html>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MOREIRA, Sandro da Luz; ALVES, Juliano Nunes. Aspectos da cultura VS aspectos da subcultura. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO; 19., MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17.; MOSTRA DE EXTENSÃO, 12., MOSTRA DA PÓS-GRADUAÇÃO, 1., 2012, Cruz Alta. **Resumos**. Cruz Alta.:UNICRUZ, 2012.

MOURA, Fabricio. Harajuku, o reduto da cultura pop japonesa em Tóquio. **Vou na Janela**. 24 out. 2019. Disponível em: <<http://www.vounajanela.com/japao/harajuku-toquio/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

ODA, Ernani. Interpretações da “Cultura Japonesa” e seus reflexos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 26, n.75, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n75/06.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes; CAMILO, Adriana Almdeira; ASSUNÇÃO, Cristina Valadares. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Revista Temas em Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto, v.11, n.1, p.61-75. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020

RITT, Franziska. Analyzing the Japanese discourse on subculture/sabukarucha. In: GUERRA, Paula; MOREIRA, Tânia (orgs.). **Keep it simple, make it fast! An approach to underground music scenes**. Porto, v.3. p.255-262, 2017. Disponível em: <



<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15380.pdf>>
. Acesso em: 21 jul. 2020.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SATO, Cristiane A. **JAPOPOP: O Poder da Cultura Pop Japonesa**. 1 ed. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.

SEIVEWRIGHT, Simon; SORGER, Richard. **Research and Design for Fashion**. 3 ed. New York: Fairchild Books, 2017.

SILVA, Angela A. Gimenes; VALENCIA, Maria Cristina Palhares. **História da Moda: da idade média à contemporaneidade do acervo bibliográfico do Senac. Revista CRB-8 Digital**. São Paulo, v. 1, n. 5, 2012. Disponível em:< <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/64773> >. Acesso em: 03 jul. 2020.

SOUSA, Silvia Raquel Teixeira de. **O contributo dos blogues de street style para o sistema de moda**. 2010. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. Disponível em:< <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3004> >. Acesso em: 05 jul. 2020.

SOUZA, Alessandra; FERREIRA, Ana Carolina; DAMASCENO, Evellyn; FEITOSA, Samara; MARINHO, Stephanie; LIMA, Silvia Teixeira de; MARINHO, Adriana Alves. **Contexto das tribos**

urbanas com enfoque na formação de identidade na adolescência: uma revisão integrativa e ilustrativa dos anos cinquenta. **Cadernos de Graduação**. Maceió, v.2, n.2, 2014. Disponível em:< <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/1441/1070> >. Acesso em: 21 jul. 2020

VALDIMARSDÓTTIR, Inga Goulang. **Fashion Subcultures in Japan. A multilayered history of street fashion in Japan**. 2015. 43.f. Monografia (Bacharel em Língua e Cultura Japonesa) – Universidade da Islândia, Suðurgata. Disponível em:< <https://skemman.is/handle/1946/22798> >. Acesso em: 24 jul. 2020.

VOGUE. **The Best Street Style From Tokyo Fashion Week Fall 2019**. 25 mar. 2019. Disponível em:< <https://www.vogue.com/vogueworld/slideshow/tokyo-fashion-week-fall-2019-street-style> >. Acesso em: 24 jul. 2020.

Como citar este artigo:

NAKAMINE, Renata Sayuri Sato. **Sabukaru e identidade japonesa: relação histórico-social entre o individualismo nipônico, subculturas e moda de rua**. Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek, Rio Grande, v.2, n.3, jan.jun. 2020. p. 18-29.